

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, AS NARRATIVAS E AS RUAS: UM PROCESSO PEDAGÓGICO DE CONSTRUÇÃO DE SI

*Tiago Bruno Areal Barra
Flávio Muniz Chaves*

Resumo

Este artigo, em parte, é resultado de uma dissertação de mestrado¹ que trata da construção de histórias de vida de sujeitos em situação de vulnerabilidade social, pertencentes a um território localizado na cidade de Fortaleza, capital do Ceará. O objetivo deste estudo foi o de compreender de que maneira esses sujeitos construíram as suas práticas de vida tendo como base o seu processo pedagógico vivencial em espaços formais e informais de ensino. Nesse percurso, a dimensão da narrativa de vida, em seu aspecto educativo, foi refletida em suas diversas nuances epistêmicas. Houve, em outra parte, após esse processo de construção da pesquisa apresentada na dissertação, a tessitura de reflexões ampliadas com estes mesmos sujeitos, através de um novo percurso dialógico elaborado pelos sujeitos pesquisadores que compuseram a construção desse artigo científico. A dimensão metodológica empírica do trabalho consistiu-se como uma construção dialógica, tendo como ferramenta base desse processo a entrevista narrativa com sujeitos pertencentes à Educação de Jovens e Adultos (EJA) da rede municipal de ensino. Tal fato teve o intuito de possibilitar novos encontros pedagógicos em relação a presente temática, evidenciando a EJA como espaço possível de integração entre os saberes formais e informais de ensino.

Palavras-chave: EJA; narrativas de vida; ruas.

YOUTH AND ADULT EDUCATION, NARRATIVES AND STREETS: A PEDAGOGICAL PROCESS FOR THE BUILDING OF YOURSELF

Abstract

This article is, in part, the result of a master's thesis that deals with the construction of life stories of subjects in a situation of social vulnerability, belonging to a territory located in the city of Fortaleza, capital of Ceará. The aim of this study was to understand how these subjects built their life practices based on their experiential pedagogical process in formal and informal teaching spaces. Along this path, the dimension of the narrative of life, in its educational aspect, was reflected in its various epistemic nuances. There was, elsewhere, after this process of construction of the research presented in the dissertation, the weaving of expanded reflections with these same subjects, through a new dialogic path elaborated by the research subjects who composed the construction of this scientific article. The empirical methodological dimension of the work consisted of a dialogic construction, having as the base tool of this process the narrative interview with subjects belonging to the Youth and Adult Education (EJA) of the municipal education network. This fact was intended to enable new pedagogical meetings in relation to this theme, highlighting EJA as a possible space for integration between formal and informal teaching knowledge.

Keywords: EJA; life narratives; streets.

LA EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS, NARRATIVAS Y CALLES: UN PROCESO PEDAGÓGICO PARA LA CONSTRUCCIÓN DE SÍ MISMO

Resumen

¹ BARRA, Tiago Bruno Areal. O Papel Formativo do Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua (MNMMR) na Comunidade do Lagamar através da Perspectiva dos Participantes: Uma Experiência de Construção da Resiliência e do Empoderamento. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós- Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2015.

Este artículo es, en parte, el resultado de una tesis de maestría que trata sobre la construcción de historias de vida de sujetos en situación de vulnerabilidad social, pertenecientes a un territorio ubicado en la ciudad de Fortaleza, capital de Ceará. El objetivo de este estudio fue comprender cómo estos sujetos construyeron sus prácticas de vida a partir de su proceso pedagógico experiencial en espacios de enseñanza formales e informales. En este camino, la dimensión de la narrativa de la vida, en su vertiente educativa, se reflejó en sus diversos matices epistémicos. En otros lugares, luego de este proceso de construcción de la investigación presentada en la disertación, se produjo el tejido de reflexiones ampliadas con estos mismos sujetos, a través de un nuevo camino dialógico elaborado por los sujetos de investigación que compusieron la construcción de este artículo científico. La dimensión metodológica empírica del trabajo consistió en una construcción dialógica, teniendo como herramienta base de este proceso la entrevista narrativa con sujetos pertenecientes a la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) de la red educativa municipal. Este hecho pretendía posibilitar nuevos encuentros pedagógicos en relación a esta temática, destacando a EJA como un posible espacio de integración entre los conocimientos docentes formales e informales.

Palabras clave: EJA; narrativas de vida; calles.

INTRODUÇÃO

Todo o processo de comunicação humana perpassa pela utilização da linguagem e de seus diferentes códigos, que por sua vez, são construídos e redimensionados ao longo das gerações. “Não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de narrativa”. (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2002, p. 91). As pessoas, com o passar dos anos, passaram a utilizar mais a linguagem para a recriação de experiências vivenciadas de forma intensa, tal recriação verbal, constitui-se como narrativa. A fala evolui e a linguagem que deriva dela, segue o mesmo percurso, “isso quer dizer que o mundo muda quando se passa a falar e que falando é possível mudar o mundo” (CYRULNIK, 2004, p. 116).

A definição de narrativa não é tão simplória, nem haveria de ser já que acaba “ganhando diferentes acepções conforme se adotam diferentes paradigmas e molduras técnicas nas várias disciplinas que a investigam”. (BRANDÃO & GERMANDO, 2009, p. 5). Nessa breve investigação, em recorte, buscamos construir percepções importantes sobre as narrativas em sua dimensão teórica, interligadas com aspectos empíricos, através da elaboração de entrevistas narrativas de sujeitos pertencentes à Educação de Jovens e Adultos (EJA), todos educandos de instituições localizadas no município de Fortaleza, capital do Ceará. Outro fator que os assemelhe é o fato de serem moradores de áreas periféricas da cidade, fator que faz com que a rua surja como extenso latente de suas trajetórias de vida.

A motivação dos pesquisadores para dialogar sobre fragmentos das narrativas de vida de sujeitos em situação de rua, vem pela compreensão de que sua condição de invisibilidade social, acaba por silenciá-los diante das opressões do mundo. Ao narrar a vida, é possível que reflitam sobre sua vida em vias de construção de novos sentidos. Pois, a vida na rua é um caminho cercado de desafios, divide espaço com territórios de vida e de mortes constantes, precisa de sentidos cotidianos para se manter viva. Por isso, a perspectiva de narrativa enfatizada nessa tessitura dialógica vai de encontro à perspectiva que compreende a narrativa como um espectro importante da aprendizagem, ou seja, narrar é aprender. Portanto, é importante explicitar, neste fragmento introdutório, que o objetivo desse artigo foi o de compreender de que maneira esses sujeitos construíram as suas práticas de vida, tendo como base o seu processo pedagógico vivencial em espaços formais e informais de ensino.

1. A NARRATIVA INVESTIGATIVA

O método autobiográfico à luz da narrativa permite que os sujeitos, no ato de narrar, estabeleçam performances identitárias únicas, transformando o narrador como um agente social que modifica a sua realidade e é modificado pela mesma.

Como fases e instrumentos da escrita narrativa a fim de organização, desde a preparação, passando pela interação, chegando à elaboração final do que foi narrado, Cavalcante (2008, p. 23-25), divide as fases e os instrumentos da escrita autobiográfica, como:

- A) Organização de uma cronologia; B) Relação entre lembranças e as diferentes fases de sua vida; C) Escrita separada de cada lembrança; D) Diário de Campo; E) Capítulos ou tratamento dado à coleção de lembranças e relatos escritos; F) Organização de sumário ou índice; G) Concepção do título da sua autobiografia.

Esse processo de interlocução entre pesquisador e pesquisado não deve ser encarado como uma batalha de poderes, na verdade, deve se estabelecer um elo de partilha de experiências, que em suma, pode servir para que haja a reconstrução da identidade do narrado. “O narrador tende a oferecer tantos detalhes dos acontecimentos quantos forem necessários para tornar a transição entre eles plausível.” (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2002, p. 94).

É importante que se respeite o modo de falar do dito “informante”. Não deve haver olhares de reprovação diante de uma peculiaridade dita pelo sujeito entrevistado diante de seu próprio lócus de pesquisa. Principalmente em grupos sociais de camadas de minorias representativas socialmente, como os grupos que fazem trabalhos nas ruas, a forma de narrar os fatos tende a obedecer à linguagem expressa pelas ruas e utilizada de maneira natural pelos sujeitos.

Um traço de sensibilidade pelo pesquisador deve ser fator definidor para não transformar o momento de pesquisa em um espaço de constrangimento público para o próprio entrevistado. “O entrevistador é alertado para que evite cuidadosamente impor qualquer forma de linguagem não empregada pelo informante durante a entrevista (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2002, p. 96)”.

É necessário atentar-se à linguagem do entrevistado, tendo o cuidado para que sua identidade linguística não seja corrigida. Esse pressuposto é importante na busca pela narrativa de vida dos sujeitos, suas histórias e a maneira como são contadas ganham valor peculiar nesse modo de trabalhar a narrativa dentro da ótica qualitativa. “O pressuposto subjacente é que a perspectiva do entrevistado se revela melhor nas histórias onde o informante está usando sua própria linguagem espontânea na narração dos acontecimentos”. (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002, p. 95-96).

Deve haver uma mínima intervenção em torno do fato narrado e o ambiente onde o fato for narrado deve ser pensado de maneira que haja interferência mínima por parte do próprio entrevistador. Deve-se ter em vista que não há um completo acesso às experiências do sujeito, o pesquisador está se relacionando sempre com representações destas mesmas experiências quando elas nos são contadas, escritas ou representadas das demais formas.

É interessante ressaltar que nas histórias narradas devemos considerar todos os fatos narrados em torno de um mesmo acontecimento, não tomando apenas uma visão como verdade absoluta generalizada e, assim, fundamentá-la como verdade absoluta. Podem existir múltiplas verdades que devem ser observadas e analisadas dentro de contextos muito particulares. Para ser validada da maneira investigativa, deve ser analisada tendo em vista os diferentes olhares e os diferentes referenciais que perpassam a narrativa e fazem com que o mesmo fato ocorrido ganhe múltiplas interpretações qualitativas.

2. NARRAR É APRENDER

As narrativas podem adquirir inúmeros significados que se confundem em suas nomenclaturas adquiridas (narrativas pessoais, etnobiografias, entrevistas narrativas, etnografias, biografias, escritas escolares, videográficas, etc.), possuindo, em parte, a mesma intencionalidade, que é a de contar uma história, fazer emergir o fato biográfico através da linguagem narrativa. Sobre a importância da narrativa como construção de significados pelos sujeitos, Delory-Momberger (2008, p.37), define que:

É a narrativa que confere papéis aos personagens de nossas vidas, que define posições e valores entre eles; é a narrativa que constrói, entre as circunstâncias, os acontecimentos, as ações, as relações de causa, de meio, de finalidade; que polariza as linhas de nossos enredos, entre um começo e um fim e os leva para sua concussão; que transforma a sucessão dos acontecimentos em encadeamentos finalizados; que compõem uma totalidade significativa, na qual cada evento encontra seu lugar, segundo sua contribuição na realização da história contada.

A entrevista narrativa perpassou o conceito pergunta-resposta, tido como predominante antes de sua chegada, devido ao fortalecimento de teorias em torno da mesma, chegou ao patamar de método de pesquisa qualitativa:

Ela é considerada uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas. Conceitualmente, a ideia de entrevista narrativa é motivada por uma crítica do esquema pergunta-resposta da maioria das entrevistas. (JCHELOVITCH e BAUER (2002, p. 95)

Uma das intencionalidades do processo do ato de narrar é aprender as significações, compreender os valores e as múltiplas identidades em torno de uma época e de uma sociedade, a partir desse movimento de imersão no outro, é possível transpor os significantes particulares do outro, para uma compreensão das próprias peculiaridades. Está imbuído na natureza humana o processo de introspecção para que se obtenha uma reflexão do caminho percorrido, a narrativa na ótica da autobiografia também faz esse percurso.

O sentido que damos ao percurso de nossa vida não se cristaliza em formas definitivamente fixas. A cada momento, os eventos passados da história da vida são submetidos a uma interpretação retrospectiva, que é, ela mesma, determinada pela antecipação do futuro (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 58).

O passado comporta não somente fatos já ocorridos, mas pode estabelecer como os sujeitos construíram alicerces para se posicionarem diante de possíveis melhorias para o futuro. Temáticas como a da violência, podem aparecer em narrativas do passado de alguns sujeitos, principalmente naqueles em situação de rua, que por instinto de sobrevivência se impõem diante das adversidades. “O desenfreamento das forças políticas e técnicas torna-se um modo legítimo de resolução dos problemas humanos. Quando o outro se recusa a ceder aos desejos ou às ideias dos poderosos do dia, a violência é legal e todo mundo obedece”. (CYRULNIK, 2004, p. 123)

Dentro do aspecto narrativo, a investigação para os sujeitos pertencentes à Educação de Jovens e Adultos (EJA), sujeitos historicamente ceceados de seu direito de fala, pode vir a fortalecer o conhecimento tácito do ocorrido, sugerindo certo criticismo ao narrado, fazem com que se una ação e pensamento no ato de contar algo.

As narrativas de sujeitos em situação de vulnerabilidade social, que têm a rua como extensão latente de seu modo de vida, possuindo crenças e valores únicos. A entrevista narrativa permite que os fatos sejam construídos e reconstruídos, onde os significados são fluidos, a história contada faz emergir a imagem de um grupo de pessoas, de uma comunidade:

Já não é possível considerar que um trauma provoque um efeito que se possa prever. A narração de um acontecimento como esse [de agressão], é o fecho do arco de sua identidade, conhecerá destinos diferentes conforme os circuitos afetivos, historizados e institucionais que o contexto social dispõe em torno do ferido. (CYRULNIK, 2004, p. 122).

Como em qualquer método qualitativo, a análise narrativa é uma abordagem, e como tal, deve ser validada para que se ganhe caráter científico. Para tanto, é necessário que o texto escrito a

partir da investigação narrativa seja elaborado de maneira coerente, com aspetos teóricos coesos e análise de dados fundamentada, não esquecendo de que, os sujeitos entrevistados tenham suas narrativas expostas na análise havendo coerência em relação ao tempo, aos objetivos e ao conteúdo das mesmas. Como explicita Cavalcante (2008, p. 18) “somos seres desejantes, ávidos em busca de um entendimento sobre o sentido de nossas vidas, pensares e fazeres”.

A narrativa compõe um pilar significativo nesse alvorecer de um ato dialógico sobre a vida, intensificando através da fala as dimensões do vivido. Na ótica do aspecto histórico, pode envolver acontecimentos num determinado espaço temporal, que através do discurso gerido pelo locutor acaba por apresentar um determinado fato, podendo gerar, a partir de tal interlocução, uma gama de significados. Nessa ação de narrar, existem três protagonistas estabelecidos: o locutor, o interlocutor e o espectador, que por sua vez, pode fazer interpretações mediante o lido e o narrado. (NOBREGA e MAGALHÃES, 2012).

A entrevista narrativa, segundo Jovchelovitch & Bauer (2002, p. 97) pode ser organizada na prática desde a sua concepção, com a primeira entrevista, tida como entrevista “piloto” até a fala conclusiva, seguindo as quatro etapas seguintes:

1. Iniciação: exploração do campo, formulação de questões exmanentes, emprego de auxílios visuais; 2. Narração central: não interromper, somente encorajamento não verbal para continuar a narração, esperar para os sinais de finalização (‘coda’); 3. Fase de perguntas: somente “que aconteceu então?”, não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes, não discutir sobre contradições, não fazer perguntas do tipo “porquê?”, ir de perguntas exmanentes para imanentes; 4. Fala conclusiva: parar de gravar, são permitidas perguntas do tipo “porquê?”, fazer anotações imediatamente depois da entrevista.

O desafio maior para o pesquisador é ter a sensibilidade em traduzir questões exmanentes em questões imanentes, já que as questões imanentes dizem respeito aos objetivos traçados para a pesquisa. É nessa transformação de questões exmanentes, para questões imanentes, que se deriva o desafio em comportar os objetivos pensados para a pesquisa, respeitando toda a atmosfera para se chegara tal fim. Dentro de um aspecto qualitativo e por se tratar de uma pesquisa de caráter predominantemente qualitativo, é vital que se respeite os limites dos entrevistados, tendo a questão do bom senso atrelada à busca por melhorias significativas dentro de um processo investigativo

3. NARRATIVAS EM VIDA: QUANDO FALAM OS SUJEITOS

Em tese, antes de ir para a pesquisa de campo e adentrar no universo dos possíveis sujeitos de uma pesquisa, é necessário que o pesquisador faça uma inserção no ambiente a fim de se familiarizar com os sujeitos. Não se trata de tornar-se mais um sujeito naquele ambiente, igualar os olhares, mas necessita conhecer os possíveis percursos que o mesmo pode percorrer em campo. Ouvir relatos informais, caminhar pelo espaço pesquisado, ler possíveis documentos, notícias sobre o espaço de pesquisa, ajuda o pesquisador a não chegar a campo de maneira tão “limpa”, sem ter se dado conta das nuances que a pesquisa precisa obedecer para atingir os objetivos propostos ou para alterar os mesmos, caso seja necessário.

O dito informante ou entrevistado é a peça chave para solucionar as possíveis indagações. Cabe ao pesquisador delinear esse percurso em torno da aquisição de sua narrativa e que esse percurso seja construído pela base central da confiança entre entrevistador e entrevistado. Essa aproximação pode gerar duas situações distintas como esclarece Jovchelovitch & Bauer (2002, p. 101):

Alternativamente, o informante pode confiar no entrevistador, não assumir uma agenda oculta, e fornecer uma autêntica narrativa dos acontecimentos, mas pode, ao mesmo tempo, transformar a entrevista em uma arena para promover seu ponto de vista, com fins mais amplos do que os da agenda de pesquisa.

Por isso os primeiros contatos com os sujeitos da pesquisa devem ser feitos com a máxima do respeito de ambas as partes. A pesquisa não pode se definir apenas como um espaço de reclamações ou busca de resposta por parte dos sujeitos da pesquisa. Caso isso aconteça, ganha caráter apenas reivindicador, perdendo a essência da questão que é a produção de uma narrativa de vida que contemple aspectos centrais das vidas dos possíveis sujeitos. Essa linha tênue tem que ser percorrida pelo pesquisador, cabendo ao mesmo não cair em armadilhas de pesquisa que podem levar tudo a um resultado não satisfatório.

Um ponto delimitador dentro da ótica da narrativa em campo é a duração da narrativa. Narrativas com maior duração temporal tendem a ser ricas de detalhes da vida dos sujeitos, pois se entende que para haver a narração de várias peculiaridades dos fatos, se necessita de um tempo maior para a execução de tal fato, como explicita Jovchelovitch & Bauer (2002, p. 104): “Um indicador bom e simples é a duração, ou a ausência da narrativa central do projeto de pesquisa. Entrevistas muito curtas, ou a ausência de narração, podem mostrar o fracasso do método”.

Importante também a postura do próprio pesquisador diante do ambiente de pesquisa. Problemas existentes nos resultados podem delimitar uma má inserção do pesquisador, ocasionando em narrativas pífiás que não condizem com a possível realidade encontrada na ambiência da pesquisa (MELUCCI, 2004). Da mesma forma, existem grupos sociais que cultivam a cultura do silêncio nas suas falas, não importando o quanto for positiva a inserção do pesquisador, nenhuma fala será retirada daquele espaço social. A pesquisa para a aquisição de narrativas de vida é cercada por peculiaridades que precisam ser postas em teoria, pra que sejam dimensionadas ou não em seu aspecto prático.

A relação construída entre locutor, interlocutor e espectador em relação à narrativa torna-se bastante interessante quando aplicada em uma situação real, por exemplo, dentro de um contexto onde a pluralidade de comunicação pode ser encarada como ferramenta de sobrevivência. No âmbito da presente investigação, a escola e a rua aparecem como lócus simbólico para o desenvolvimento das narrativas proferidas pelos respectivos autores de suas próprias narrativas. Como sujeitos da pesquisa, estão os educandos pertencentes as escolas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), localizadas em áreas periféricas da cidade de Fortaleza.

Foi acordado com os mesmos que os nomes de suas instituições de ensino não seriam revelados, assim como seus nomes fidedignos, em contraponto, acordou-se que as suas respectivas identidades seriam substituídas por nomes fictícios, permanecendo apenas as suas respectivas idades, assim os mesmos elencam-se por: 1) Francisco (61 anos de idade, cursando o EJA-I); 2) Maria (30 anos de idade, cursando o EJA-II) e 3) Roberta (27, cursando o EJA-III), explicando que a EJA I,II e III tratam-se das suas respectivas seriações dentro da própria EJA.

Os sujeitos são pertencentes a comunidades de periferia que ficam localizadas em áreas da zona costeira da cidade. O convite para participação na investigação foi feito devido aos mesmos serem alunos ainda ativos na EJA, serem sujeitos comum aos pesquisadores desta pesquisa e pela disponibilidade de responder ao roteiro de entrevistas. Como, na escrita desse artigo, o mesmo está sendo produzido em tempo de pandemia, a entrevista seguiu os critérios de higienização normatizados pelos órgãos sanitários locais e nacionais, obedecendo o distanciamento mínimo de um metro e meio de distância, além do uso de material de proteção dos pesquisadores e dos sujeitos pesquisados.

Para compreensão fidedigna do que foi produzido, em vista da análise que se segue, será elencada a pergunta e a resposta dos sujeitos em questão. Portanto, a primeira pergunta feita aos autores dessa investigação, foi: “Como é retornar à escola após um tempo longe dela?”. Os sujeitos logo responderam:

Francisco: “Foi um pouco difícil, estou em uma idade em que precisava aprender a ler, as coisas não são mais como antes, não posso ficar pedindo ajuda a todo mundo para pegar um ônibus, já me perdi várias vezes, mesmo conhecendo a cidade. Minha mulher morreu faz um ano, agora estou só, aprender a ler pode me fazer ser gente de novo”.

Maria: “De repente eu virei irmã e mãe, meus pais foram embora para o interior, meu marido se separou de mim, cuido de quatro pessoas, três irmãos e da minha filha, voltar na escola pode fazer eu sair da faxina e me dá uma coisa melhor, é bem difícil agora, ficou anda mais com esse negócio aí da pandemia, as coisas já não eram fáceis antes, a pandemia quase acabou com a nossa vida, você sabe...”.

Roberta: “Pensei que não voltaria pela questão da vergonha, o povo ver eu indo aprender a ler a noite, não me sentia muito bem no começo, as pessoas que estudei lá atrás já estão fazendo outras coisas, mas é difícil eu escrever errado todo o tempo, chega uma hora que cansa”.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), em sua dimensão majoritária, é destinada os sujeitos em situação de vulnerabilidade social, moradores de grandes áreas de periferia, sejam elas urbanas ou rurais. As suas turmas divididas em seriações, alocando alunos em diferentes níveis de idade e faixas etárias. Os sujeitos supracitados fazem parte dessa realidade formativa tão distinta. As suas trajetórias de vida permearam caminhos múltiplos que os levaram ao mesmo centro de ensino, ambos buscam a quebra do estigma e a busca por dias melhores em relação a situação social que possuem na contemporaneidade.

Freire (1987) dimensiona sobre um processo educativo onde os sujeitos oprimidos, para o redimensionarem em sua dimensão social, local, de vida, reflete sobre a busca de sentidos. A educação para a emancipação precisa fazer sentido na vida das pessoas. Ao colocarem a escola como possível ponto de partida para mudança de paradigmas de vida, os sujeitos narram seus esforços diante da superação da condição de subsistência humana, a qual vivem.

Ao serem indagados sobre “o que a EJA representa na sua vida (social) hoje?”, os autores de suas narrativas, relataram que:

Francisco: “A EJA pra mim é tudo! Eu estou aprendendo a fazer coisas que eu não sabia porque tiraram de mim o desejo de estudar. Eu morei na rua antes de me casar, as coisas não foram tão fáceis para uma pessoa como eu que cresceu quase que a vida toda na miséria, é difícil dormir com fome, você já dormiu com fome? Eu já! Com a leitura e as coisas que escrevo na EJA fui ler mais sobre os meus direitos, sabe o que é aposentadoria? Eu estou lendo sobre isso, minha professora disse que as coisas que são direitos têm que estar com a gente, a gente não pode deixar que levem, ninguém vai me roubar mais, agora eu leio tudo sobre mim”.

Maria: Hoje eu penso muito na EJA, na escola. Às vezes tesou bem cansada de tanto limpar a casa dos outros, mas tem dias que vou pra aula e chego muito feliz. Imagina tu ver uma coisa na tua frente e não pode pegar porque não sabe o que significa, o que aquilo quer dizer? De repente eu tesava na internet e li um texto todo na minha rede social, aquelas que tem tudo seu. Estava sozinha, me alegrei sozinha. E num é só isso não, tem uma professora lá que sabe que eu trabalho, ela sabe que eu chego atrasada porque passei o dia limpando as casas dos outros, olhando os meninos que não são meus e ela não briga. Se tivesse brigado já tinha saído, mas ela conversou comigo, sabe o meu nome, sabe quem eu sou. Isso é muito bom.

Roberta: Cara, a EJA pra mim faz parte da minha vida aqui de casa, de repente, eu quero ler tudo. Entendo quase tudo porque ainda estou aprendendo. Eu estou escrevendo bem menos errado que quando eu comecei, sabe o que isso é massa? É massa demais! Te disse o lance da vergonha em ir na escola, na EJA, mas tem o lado bom também. Escola num é ruim não, aquilo tudo lá tem uma lógica, tem um propósito, pelo menos pra mim sabe? Eu sei agora.

As elaborações da vida cotidiana, pela narrativa, dão a dimensão da EJA em sua percepção em relação ao vivido. A vida reelaborada na fala traz a tona a construção de representações importantes entre a interlocução do pensar e sentir (PAIS, 2003). Dentro de uma dimensão emancipatória, Freire (2020, p. 81) menciona que “eu não consigo imaginar o mundo melhorando, se nós não adotarmos, realmente, o sentimento de solidariedade”. Nisso, é possível pensar essa elaboração dentro de um sentido prático, ativo, de vida. As falas cercadas de sentimentalidades elaboradas revelam como uma educação pode fazer, sem romantismos obscuros, a criação de novas formas de estar no mundo (PINEAU, 2006).

A EJA, que para alguns pode ser motivo de ridicularizações, é também espaço de partilha de lutas, espaço de intensa mudança de perspectivas, quando os autores de suas narrativas a entendem conectada com o mundo social que os cercam. O diálogo aqui proposto quer fugir da dimensão romantizada, mas não pode deixar de salientar as narrativas cercadas de sonhos e desafios inerentes à sujeitos que travam desafios diários de subsistência humana em suas comunidades. Há uma racionalidade sobre as dificuldades, todavia, esperar-se (à luz de Freire) também é parar e pensar de forma afetuosa o vivido.

Sobre a rua citada pelo Francisco, a mesma, pode vir a evidenciar uma gama de acontecimentos singulares que são explicados a partir de um olhar vivencial e característico de quem não somente a observou, mas a sentiu de maneira completa. Muitos sujeitos, como o Francisco, são levados à rua ainda na infância, construindo um conjunto de relações e experiências que o fazem mudar de trajetória social, transformando seu comportamento e a forma de enxergar o mundo ao seu redor, como afirma Cyrulnik (2004, p. 57) “num meio estável, um temperamento dá um estilo mais fácil, expansivo ou difícil. Mas, quando o meio muda ou quando a criança muda, um mesmo estilo relacional pode tomar direções variáveis”.

Não se escolhe viver em um ambiente de risco como os espaços das ruas, são os caminhos percorridos ao longo da vida e seu emaranhado de relações que faz com que os fatos ocorram, pedindo que seus sujeitos tomem decisões que beneficiem sua sobrevivência, e acima de tudo, seu desenvolvimento.

Por fim, indagou-se sobre “como você vê o seu futuro após a EJA?”, as respostas foram:

Francisco: Após a EJA eu só queria ficar em paz, me aposentar e talvez viajar no interior, sabe? Ver o povo. Parece uma doideira né? Mas eu não vou desistir, já pensei em desistir, porque nem todo dia é bom e nem todo dia eu tesou bem pra ir, mas eu vou, eu sempre vou, enquanto tiver mudando e aprendendo eu sempre vou.

Maria: Meu futuro? Eu quero da uma vida melhor para os meus irmãos, acho que quando acabar vou fazer uns cursos, de qualquer coisa, só pra sair dessa vida de limpar tudo o tempo todo, minha mão tá descascando já. Quero ter tempo e condições de levar eles no centro e comprar roupas, de comer outras coisas e nada de parar de estudar, isso eu não vou deixar ninguém da minha família fazer mais. Chega! Já deu! Só saiu da escola se me expulsarem (risos), se não, tu ainda vais me ver morando num lugar melhor.

Roberta: Quero fazer faculdade de moda, eu gosto de roupa, fico vendo essas moças das redes sociais e dos vídeos de moda falando sobre todo tipo de roupa, umas palavras estranhas. Um dia vou ser eu lá, só num vou se não quiser, que

nem disse a minha colega da sala lá, vai dar tudo certo, isso aqui é só uma fase, eu vou conseguir.

É nítido, que apesar das incertezas mundanas, os educadores que acompanham o processo formativo dos sujeitos em questão, os mantém vivos diante dos desafios de uma escola com condições, muitas vezes precárias de ensino. Mas, o que fazer diante disso, não ensinar? Me parece que há uma constante e crescente busca pela reflexão sobre suas próprias realidades sociais. O que se destaca aqui é a questão de uma prática pedagógica condizente com uma educação comprometida com os ideais emancipatórios. “Um bom educador faz com que os estudantes se cansem e fiquem curiosos” (FREIRE, 2020, p. 105). Com isso não se anulam os sonhos, há uma tentativa de compreender a realidade social onde os sujeitos estão inseridos, como a docente que dialogou com a Maria sobre o seu modo de vida. A educação comprometida com a realidade está ciente e consciente dos desafios que dela fazem parte, é questionadora e comprometida com a solução de problemas. Onde existem abismos, se constroem pontes.

CONCLUSÃO

A narrativa para os sujeitos em situação de vulnerabilidade social, com os sujeitos pertencentes à EJA, dessa investigação, pode ter um significado mais ampliado. A fala como “auto contação de si”, é uma maneira de interligar-se com o ambiente, uma conexão com as próprias vivências, que em muitos aspectos, encontram-se esquecidas, seja para afastar dor, esconder incertezas, possivelmente, podem ser vistas de frente através de um diálogo aberto sobre as mesmas.

Os três sujeitos dessa pesquisa revelaram fragmentos importantes de suas vidas na contemporaneidade, ao narrar a si, como autor do livro de sua própria história, mesmo que seja um parágrafo de um breve capítulo da mesma, aquela pessoa pode ser capaz de fazer elaborações futuras mais cientes, consciente de seu papel para si e para o mundo social que a cerca.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BRANDÃO, Thaís Oliveira e GERMANDO, Idilva Maria Pires. Experiência, Memória e Sofrimento em Narrativas Autobiográficas de Mulheres. *Psicologia & Sociedade*. n° 21 (1), 5-15, 2009.
- CAVALCANTE, Juraci Maia. *Identidade Narrativa e Autobiografia: elementos teóricos e Metodológicos para uma Pedagogia da Escrita Histórica*. In: BEZERRA, J. A. B.; ROCHA, A. M. *História da Educação: Arquivos, Documentos, Historiografia, Narrativas Oraís e Outros Rastros*. Fortaleza: Edições UFC, 2008.
- CYRULNIK, Boris. *Os Patinhos Feios*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- _____, Paulo. *Pedagogia da Solidariedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- JCHELOVITCH, Sandra e BAUER, Martin W. *Entrevista Narrativa*. In: BAUER, Martin W. e GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com Texto Imagem e Som: Um Manual Prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MELUCCI, Alberto. *O Jogo do Eu: a mudança de si em uma sociedade global*. RS: Editora Unisinos, 2004.

NOBREGA, A. N.; MAGALHÃES, C. E. A. *Narrativa e Identidade: Contribuições da Avaliação no Processo de (re) Construção Identitária em Sala de Aula Universitária*. Revista Veredas Atemática. V.16. n. 2. 2012.

PAIS, Machado. *Vida Cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

PINEAU, Gaston. As Histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. In: *Educação e Pesquisa*. V. 32, no. 02, maio/agosto, 2006, pp. 329-343.

PINEAU, Gaston. *As Histórias de Vida*. Natal, RN: EDUFRN, 2012.

Submetido em abril de 2021
Aprovado em agosto de 2021

Informações do(a)s autor(a)(es)

Nome do autor: Tiago Bruno Areal Barra

Afiliação institucional: Universidade Federal do Ceará (UFC)

E-mail: arealtiago@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4191-6352>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9429576060471783>

Nome segundo autor: Flávio Muniz Chaves

Afiliação institucional: Instituto Dom José/IDJ/UEVA

E-mail: flavioufc2@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3193-3052>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3851023219109477>